

Artigo

## Entre Cassirer e Merleau-Ponty: expressão e dualismo

*Between Cassirer and Merleau-Ponty: expression and dualism*

Erick Yuji Yamachi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestre em Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo. ORCID: 0009-0000-5463-2781.  
E-mail: [yujiyamachi@gmail.com](mailto:yujiyamachi@gmail.com).

Submetido em: 27/12/2025, revisado em: 04/01/2026 e aceito para publicação em: 07/01/2026.

**RESUMO:** Este artigo investiga os pontos de contato e afastamento entre Ernst Cassirer e Maurice Merleau-Ponty, tomando o conceito de expressão como eixo para uma crítica ao dualismo cartesiano. O objetivo é demonstrar como, apesar de ambos rejeitarem a oposição clássica entre sujeito e objeto, seus projetos filosóficos desembocam em horizontes distintos: Cassirer, através da noção de impregnação simbólica (*symbolische Prägnanz*) como experiência originária que antecede e condiciona o cogito; e Merleau-Ponty, pela concepção da expressão como gênese de sentido articulada ao corpo como carne, operando em uma ontologia do sensível. O método adotado é o comparativo-hermenêutico, fundamentado em pesquisa bibliográfica das obras centrais dos autores e da literatura crítica especializada. Os resultados indicam que a crítica merleau-pontyana aponta um suposto intelectualismo residual em Cassirer, enquanto este, ao ancorar a expressão em uma objetividade semiótica, busca evitar uma *distinctio ratiōnis*, mantendo-se no âmbito de uma filosofia da cultura. Conclui-se que o diálogo revela uma tensão produtiva: se Merleau-Ponty avança para uma ontologia fundada na experiência corporal, Cassirer preserva a expressão como função simbólica cultural, deixando o problema do dualismo em um campo comum, porém percorrido por vias radicalmente divergentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cassirer; Merleau-Ponty; Expressão; Dualismo; Fenomenologia.

**ABSTRACT:** This article investigates the points of contact and divergence between Ernst Cassirer and Maurice Merleau-Ponty, taking the concept of expression as the basis for a critique of Cartesian dualism. The objective is to demonstrate how, despite both rejecting the classical opposition between subject and object, their philosophical projects lead to different horizons: Cassirer, through the notion of symbolic impregnation (*symbolische Prägnanz*) as an original experience that precedes and conditions the cogito; and Merleau-Ponty, through the conception of expression as the genesis of meaning articulated to the body as flesh, operating in an ontology of the sensible. The method adopted is comparative-hermeneutic, based on bibliographic research of the authors' central works and specialized critical literature. The results indicate that Merleau-Ponty's critique points to a supposed residual intellectualism in Cassirer, while the latter, by anchoring expression in a semiotic objectivity, seeks to avoid a *distinctio ratiōnis*, remaining within the scope of a philosophy of culture. We conclude that the dialogue reveals a productive tension: if Merleau-Ponty advances toward an ontology based on bodily experience, Cassirer preserves expression as a cultural symbolic function, leaving the problem of dualism in a common field, but traversed by radically divergent paths.

**KEYWORDS:** Cassirer; Merleau-Ponty; Expression; Dualism; Phenomenology.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fim de compreender a rejeição proposta por Merleau-Ponty, no que concerne à oposição estabelecida entre matéria e forma, evidencia-se outra oposição, qual seja, aquela entre sujeito e objeto, cujo destaque ganha força em "O visível e o invisível". O corpo não é considerado apenas matéria, mas, ao ser apresentado como "carne", faz remissão à contraposição que se consolidou na história do pensamento a partir do "cogito". Nesse sentido, o que se busca é constituir um caráter ontológico ao corpo, uma ontologia distinta àquelas que podem ser localizadas nos clássicos. Em relação à tentativa de aproximação quanto ao projeto de Cassirer, pretende-se ir ao encontro

dos conceitos de "função simbólica" e de "impregnação", que encontram pontos de convergência com Merleau-Ponty. É diante de referidas oposições — e a recusa traçada por Merleau-Ponty face a elas — que se torna possível encontrar as similaridades entre os dois autores, para além das questões biográficas.

Se o simbolismo não é visto à luz do método de crítica filosófica, o caminho por meio do qual se desdobra é distinto da proposta tradicional da filosofia, qual seja, o da distinção entre o sujeito e o objeto, de modo que, em conformidade com a chamada fenomenologia, não há mais "matéria em si" ou "forma em si", isto é, em ambos os autores torna-se localizável uma interrelação entre percepção e significado.<sup>1</sup> É o que podemos verificar em

<sup>1</sup> De modo bastante elucidativo, Cassirer apresenta uma explicação acerca de sua afirmação sobre a "impregnação simbólica": "It is with a view to expressing this reciprocal determination that we introduce the concept and the term 'symbolic pregnancy' [symbolischen Prägnanz]. By 'symbolic pregnancy,' we mean how a lived-perceptive experience, as a "sensible" lived-experience, contains in itself at the same time a certain non-intuitive

"sense" and brings it to immediate concrete presentation. It is not a question here of naked 'perceptive' givennesses, onto which some sort of 'apperceptive' act is later grafted, through which they are interpreted, judged, transformed. Rather, the perception, by virtue of its own immanent organization, acquires a kind of spiritual 'articulation' [Artikulation] – which, as structured in itself, also belongs

certa medida na aposta feita por Merleau-Ponty no que concerne à percepção: “[...] mais uma vez, deixamos escapar a operação primordial que impregna o sensível de um sentido e que toda mediação lógica assim como toda causalidade psicológica pressupõem.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 62). É interessante que, no caso desse autor, há uma contraposição à atitude psicologista e que apresenta pontos de contato com Cassirer, especificamente no que se trata da proposta de Leibniz acerca da antecipação do futuro no presente, ou seja, o *praegnans futuri*.<sup>2</sup>

Ora, se o tema da carne e das contraposições entre Merleau-Ponty e Cassirer apontam, sobretudo, à questão da expressão, nota-se que será neste campo que será possível compreender o problema em torno das mediações — relacionais ou funcionais — que viabilizam a intermediação entre nós e o mundo, a partir do qual, apesar de tecerem projetos diferentes, logram o elemento da expressão como co-configurador da realidade.

Do ponto de vista teórico, o diálogo entre Cassirer e Merleau-Ponty permanece nodal para desdobramentos contemporâneos nos temas da fenomenologia, da filosofia da cultura e da ontologia, pois enfatiza-se o conceito de expressão como chave para superar o dualismo cartesiano. Como demonstra Endres (2021), Merleau-Ponty não apenas interpreta e afirma a doutrina da “impregnação simbólica”, mas também critica seu “intelectualismo” residual, evidenciando um debate interno à tradição fenomenológico-simbólica. Igualmente, Matherne (2014) salienta a dívida de Merleau-Ponty para com Cassirer na apropriação da imaginação produtiva kantiana, mostrando que a relação entre os dois pensadores é mais profunda e estruturante do que uma mera coincidência temática. Quanto à abordagem metodológica, utilizou-se a hermenêutico-comparativa, que permite reconstruir esse diálogo com rigor, articulando crítica e exame dos textos em questão.

A divisão do presente artigo ocorre deste modo: é feita uma breve apresentação dos operadores conceituais presentes na filosofia das formas simbólicas de Cassirer com o intuito de endossar a relevância do conceito de função na obra do autor; posteriormente, é evidenciada a relevância da expressão como gênese em Merleau-Ponty e da relação dessa com a linguagem, em termos da expressividade, e do limite que essa encontra face ao paradoxo da completude; desdobra-se, após, a questão de haver ou não um retorno ao intelectualismo no que tange à linguagem, de modo que é discutida a possibilidade de uma aproximação efetiva entre os dois autores em comento; por fim, é evidenciada uma impossibilidade de se imiscuir do

retorno à discussão acerca do dualismo cartesiano quando da aproximação, ou até mesmo uma continuidade, entre Cassirer e Merleau-Ponty.

## 2 FUNÇÕES DE CONSCIÊNCIA E O *COGITO*

Ao se colocar em pauta a distinção feita por Cassirer entre *Ausdruck*, *Darstellung* e *Bedeutung* — fenômenos da expressão, da representação e da significação intelectual, respectivamente — será possível notar um dos pontos principais que impossibilita uma aproximação tranquila entre os autores. Tal autor apresenta-as como funções específicas da consciência, em três vieses: a função expressiva [*Ausdrucksfunktion*], a função representativa [*Darstellungsfunktion*] e a pura significação (ou função conceitual) [*reine Bedeutungsfunktion*], ambas consideradas enquanto bases para a formação do conhecimento científico-teórico.

Nos termos de Cassirer, a definição de forma simbólica pode ser concebida enquanto “[...] um bem determinado *sentido* de apreensão e configuração espiritual que possui outra, mas não menos determinada, direção oposta diante dela.” (Cassirer, 2013, p. 174). Isto é, através da conexão interna entre forma e conteúdo que é definida a concepção de forma simbólica por meio do qual ocorre o ato sintético de formação simbólica pela mente humana a partir do conteúdo material (Vanderberghe, 2018). Além do mais, as diretrizes traçadas por Cassirer vão no sentido de que se deve entender as formas simbólicas enquanto cada energia do espírito por meio do qual o conteúdo da chamada significação espiritual é conectado com um signo concreto e apropriado.<sup>3</sup>

A relação entre corpo e alma tal como é elaborada por Cassirer toma um caminho distinto, aparentemente, em relação ao que Merleau-Ponty o lê: não se trata e não deve ser entendida como um “cogito” entre tantos outros, mas o que se vislumbra por pregnância simbólica deve ser interpretado como uma condição de possibilidade do “cogito”. Nesse sentido, dá-se a leitura de Krois (1987, p. 57), especificamente em torno da evidente problematização em torno da relação corpo-alma, tal como tratada por Descartes, como substâncias distintas e que, em decorrência disso, incorreria numa incompatibilidade acerca da junção desses; acrescenta-se a isso a preocupação de Cassirer na questão da diferenciação entre ambas as substâncias, a partir da qual se faz necessário buscar compreender como ocorre a conjunção - no caso, exemplifica-se por meio da experiência possível através da fala.

---

to a determinate construction of sense [Sinnfügung]. In its full actuality, in its totality and vividness [Lebendigkeit], it is at the same time a life ‘in’ sense [Sinn]. It is not only subsequently taken up into this sphere but is, one might say, born into it. The term ‘pregnancy’ is meant to designate this ideal interwovenness, this relatedness of the single perceptive phenomenon, given here and now, to a characteristic totality of sense [Sinnganze].” (Cassirer, 2021, p. 239).

<sup>2</sup> A convergência de ambos os autores - Leibniz, Cassirer e Merleau-Ponty - pode ser retrçada à colocação de Diotima, n”O Banquete” (206c), conforme se nota: “Pois

bem, me disse; vou falar com mais clareza. Todos os homens são fecundos, Sócrates, continuou, ou segundo o corpo ou segundo o espírito, e quando atingidmos determinada idade, nossa natureza tem vontade de procriar [...]” (Platão. 1980, p. 262).

<sup>3</sup> A apropriação do princípio hegeliano de que “A Verdade é o todo” traz à luz a adição do princípio de análise transcendental de Hegel às diversas vertentes da cultura a fim de que o conceito de forma simbólica possa ser concebido enquanto totalidade. O ponto de partida do autor é o emprego de uma concepção que não se inicie com as coisas do mundo empírico, mas com o mito.

O mesmo tipo de expressão necessário ao entendimento de comunicações rudimentares — compostas de gestos, ritmo, etc. — parecem ser necessárias à compreensão da relação corpo-alma. E o autor vai além: o ponto de partida para Merleau-Ponty, em "Fenomenologia da Percepção" é a consecução a partir do conceito de impregnação simbólica, à medida que a tese de Cassirer, que relaciona o corpo e a alma como constituinte pré-relações simbólicas, desdobra-se pela via do sentido expressivo tal como percebido no mundo e que veicula seu lugar de destaque no corpo. Cassirer não consideraria como um "cogito" novo devido à consideração de que a impregnação simbólica não pertence nem ao mundo nem ao espírito, conforme o fenômeno do significado é "condição necessária à separação do ego em relação ao 'outro' e ao mundo" (Krois, 1987, p. 58), isto é, uma separação em que a condição necessária não se resume à existência do ego, mas este se conhecer.

Não se trata, então, de uma proposição justa de Merleau-Ponty ao aproximar a noção vertida da relação entre corpo e alma tal qual proposta por Cassirer daquela elaborada por Descartes, afinal, neste se apresenta duas substâncias opostas e pertencentes a causalidades distintas.

É frequentemente abordado pela bibliografia secundária a aproximação de Merleau-Ponty e Cassirer. Sabemos, no entanto, a quão imprecisa e equivocada pode se tornar tal chave de leitura, caso não esteja lastreada adequadamente. O ponto de contato, certamente e como já havia sido evidenciado, é Descartes. Isto é, a partir de Descartes que podemos encontrar um "ponto de ancoragem" comum aos autores e que decerto envolve ao problema do dualismo ao qual se envia a crítica. No caso, a avaliação a Descartes feita por Merleau-Ponty por meio crítica a Cassirer terá outro alvo, Kant, que não será objeto deste trabalho (Feron, 2021, p. 228).

Se é na noção de expressão (*Ausdruck*) que Cassirer envereda na análise da consciência perceptiva, sua base é a oposição tradicional entre interior-exterior e, no problema da filosofia contemporânea acerca desta concepção, que haveria a necessidade de encontrar experiências que estivesse aquém desta distinção. Ao tomar o ponto de partida do animal como garantia contraposta ao idealismo, Cassirer aponta a ocorrência de um fracasso na empreitada, porquanto seja na dimensão reflexiva da consciência que se vislumbra a manifestação da percepção humana. Se em Descartes há assunção da "paternidade simbólica" referente à reflexividade do cogito, que é o fundamento por meio do qual o problema do ser é posto.

Trata-se, na proposta de Cassirer, da experiência originária expressiva, que é anterior à consciência teórica soberana, isto é, trata-se do *quid facti* que resta aquém da consciência teórica e que não tem possibilidade de retornar, à medida que não se trata de uma experiência do objeto, mas envolve o que pode ser denominado por modalidade primeira e originária de aparição de um sentido de ser.

A percepção concreta não se desprende totalmente desses caracteres, mesmo quando segue de forma resoluta e consciente o caminho da objetivação pura. Ela nunca se dissolve num mero complexo

de qualidades sensíveis [...], mas está sempre sintonizada com um certo tom expressivo específico; nunca se dirige exclusivamente ao «quê» do objeto, mas apreende o modo de sua aparência geral como um todo — o caráter sedutor ou ameaçador, familiar ou misterioso, reconfortante ou assustador, que reside nessa aparência puramente como tal e independentemente de sua interpretação objetiva (Cassirer, 2021, p. 77, tradução nossa).

Há nessa pré-objetividade da experiência da expressão uma imersão no sentido, anterior à interpretação — nem mesmo a linguagem ou o conhecimento por conceito encontram lugar nesta fase — e se trata de uma fase na qual os dualismos consolidados na teoria do conhecimento não estão estruturados — *e.g.*, real e irreal, realidade e aparência, etc. — na qual Cassirer visa reatar o que, para Merleau-Ponty, é tratado como o real, de modo que não se pressupõe ato fundador, mas se manifesta no sentido tal qual aparece na chamada *Urphänomen*, fenômeno originário da expressão, na qual certa aparência, em sua visibilidade, mostra-se como imediata e inicialmente a consciência consegue apreender outra realidade ao mesmo tempo em que continua pura, em outros termos: "Como poderíamos também conceber e derivar o fenômeno ingênuo de expressão a partir de alguma coisa que lhe seria transcendente, quando na realidade ele é o primeiro veículo que nos conduz até todo tipo de 'transcendência', de consciência do real?" (Cassirer, 2021, p. 108).

### 3 A EXPRESSÃO COMO GÊNESE EM MERLEAU-PONTY?

Com relação ao sentido de expressão trazido por Merleau-Ponty em "O Visível e o invisível", observa-se especificamente se tratar da gênese de sentido que se articula ao corpo enquanto ser no mundo, com vistas à capacidade de embaralhar as polaridades que frequentemente ganham vestes de oposição.

Há de se enfatizar que se faz presente o risco de converter as questões em tese, ao se elaborar uma escrita acerca de Merleau-Ponty, como Marilena Chauí afirma. À medida que a experiência não é concebida enquanto um conceito, mas traçado à luz de um vagar por meio do qual as experiências afetam o autor, a indagação se firma: "que é esse 'mesmo' habitado por 'outro'?" (Chauí, 2002, p. 41). Não se resume a um psicologismo, porquanto se verifica que o ato da fala não é o ato do pensamento, o pensamento não é ver, o que nos permite encontrar indícios de que seja na expressão que a aventura da questão de Merleau-Ponty passa a percorrer. Carrega consigo o paradoxo no qual toda expressão é perfeita, mas não é completa.

É notável que o questionamento em torno do uso da linguagem ordinária encontra dificuldades em se expressar diante de aparentes contradições, razão pela qual gera certa estranheza em torno do que denomina fé perceptiva: "[...] se procurarmos articulá-la numa tese ou num enunciado, se perguntarmos o que é este nós, o que é este ver e o que é esta coisa ou este mundo, penetramos

num labirinto de dificuldades e contradições." (Merleau-Ponty, 2003, p. 15). Nesse trecho, resta incipiente a questão acerca da expressão e da expressividade da linguagem, em função de que a linguagem expressa algo além do que a si mesma, restando em um impasse, qual seja, formalmente faz referência a um sentido e é inapta a garantir a elucidação de sua completude.

A postura adotada pelo autor, entretanto, remonta ao fato de que é incapaz de circunavegar-se a fim de dizer algo para além de si, isto é, a linguagem significa através de uma perspectiva retrospectiva e sedimentadora. E, se o sujeito fosse completamente livre da linguagem, não haveria sequer motivo para falar ou escrever, afinal, o significado estaria dado imediatamente; no entanto, se a linguagem não consegue se expressar em um sentido que esteja para além de si mesma, deparamo-nos com a noção de que o sujeito que pensa independentemente da linguagem mostra-se apenas no contexto propriamente da linguagem:

[...] é porque a linguagem não é apenas a conservatória das significações fixas adquiridas, porque seu poder cumulativo resulta de um poder de antecipação e de pré-posse, porque não se fala apenas do que se sabe, por exibição - mas também do que não se sabe, para sabê-lo -, e a linguagem, fazendo-se, exprime, pelo menos lateralmente, uma ontogênese à qual pertence. Resulta, porém, daí, que as palavras mais carregadas de filosofia não são necessariamente as que encerram o que dizem, são antes as que se abrem mais energeticamente para o Ser, porquanto revelam mais estreitamente a vida do todo e fazem vibrar as nossas evidências habituais até desajuntá-las: e, portanto, uma questão saber se a filosofia, como reconquista do ser bruto ou selvagem, pode realizar-se pelos meios da linguagem eloquente ou se não lhe seria preciso fazer dessa linguagem um uso que lhe tire o poder de significação imediata ou direta para iguala-a ao que a filosofia quer, assim mesmo, dizer (Merleau-Ponty, 2003, p. 103).

E, o que se pretende elucidar, é que a linguagem gera, nesse sentido, o significado e seu próprio referente, de modo que ambos aparecem à luz da linguagem, o que implica afirmar que significado e referente não são condições da linguagem. A experiência, em decorrência disso, é o que garante a iniciação ao que não somos, ao nos abrir para a essência, por meio de um resgate da língua a fim de instituir "linguagem nova", ou seja, ainda que nomeada em todas as línguas, o entrecruzamento é o que torna não-linear a noção que o autor busca trazer ao fazer alusão à filosofia, pois, caso contrário, há um risco demasiadamente elevado de recair num aplainamento por meio de colocações que ambicionam desmanchar os pares tão caros a Merleau-Ponty.

Ao nos debruçarmos sobre o presente no qual ganha relevo o visível, está "perpetuamente grávido", impregnado e dando luz a "existências e essências brutas" (Chauí, 2002, p. 95). É o que evidencia Chauí, ao fazer alusão à obra de Merleau-Ponty, especificamente no que

concerne ao problema no qual os atos de ver, de falar e de pensar não se encontram acima ou abaixo, além ou aquém do Ser, mas em seu interior, no qual não se confunde o ver com o falar, o falar com o pensar e o pensar não se trata de nem um nem outro, conforme desvendam o Ser.

Um dos problemas centrais voltados à linguagem e que Merleau-Ponty busca evidenciar passa pela geração e determinação de sentido, afinal, a linguagem possui em si um sentido indeterminado, impassível de significação e cujo sentido não pode ser significado. Logra-se, portanto, pela presença de uma ontogênese da linguagem, mas que não se trata do que a linguagem se refere, tal como se observa tanto no dito paradoxo do ser como no paradoxo da expressão, ambos que, no limite e conforme revelados, são o mesmo paradoxo. Respectivamente, podem ser encontrados nos seguintes trechos menções expressas aos referidos paradoxos:

[...] O que se chama um vis[visível é, dizíamos, uma qualidade prenhe de uma textura, a superfície de uma profundidade, corte de um ser maciço, grão ou corpúsculo levado por uma onda do Ser. Já que o visível total está sempre atrás, ou depois, ou entre os aspectos que dele se vêem, só há acesso até ele graças a uma experiência que, como ele, esteja inteiramente fora de si mesma: é a esse título e não como suporte cognoscente que nosso corpo domina o visível para nós; não o explica, não o ilumina, apenas concentra o mistério de sua visibilidade esparsa; e aqui não se trata de um paradoxo do homem mas de um paradoxo do Ser (Merleau-Ponty, 2003, p. 133).

Pela primeira vez o corpo não mais se acopla com o mundo, enlaça outro corpo, aplicando-[se a ele]\*\* cuidadosamente em toda sua extensão, desenhando incansavelmente com suas mãos a estranha estátua que dá, por sua vez, tudo o que recebo, perdido fora do mundo e dos objetivos, fascinado pela única ocupação de flutuar no Ser com outra vida, de fazer-se o exterior de seu interior e o interior de seu exterior. Movimento, tato, visão aplicam-se, a partir de então, ao outro e a eles próprios, remontam à fonte e, no trabalho paciente e silencioso do desejo, começa o paradoxo da expressão (Merleau-Ponty, 2003, p. 139-140).

Nesse sentido, a reconciliação entre ser e não-ser mostra-se impossível de ocorrer ante a própria geração do paradoxo pela linguagem, pois não há linguagem, na proposta de Merleau-Ponty, que possa desfazer-se e analisar sua própria forma de emergência, a fim de reconstituir o que permite a escrita e a fala. E, em decorrência de a linguagem se fazer presente a cada nível ontológico, não há como ser algum a antedatar, ou seja, a relação se dá por meio de um processo reverso, no qual a linguagem se mostra como o limite da ontologia. Caso contrário, se houvesse uma ontogênese da linguagem, a noção de linguagem relacional — ser relacionada a algo — e sua estrutura denotativa estariam diante de um impasse (Kaushik, 2019, p. 102-103).

Sobretudo, em “O visível e o invisível”, Merleau-Ponty não busca retrair o evento original da expressão ou a uma ontologia que antedata a linguagem, mas se aventura por meio da escrita através das linguagens tanto conceitual como não-conceitual, de modo que, ao traçá-las uma ante a outra, traz consigo o evento da expressão e, por efeito, torna visível o limite ontológico da expressão.

#### 4 OPOSIÇÃO E CONTRAPOSIÇÃO: EXPRESSIONISMO E CRÍTICA SIMBÓLICA

Expostos alguns traços em torno do que podemos conceber pelo papel da expressão em “O visível e o invisível”, passamos adiante com a crítica erigida por Merleau-Ponty a Cassirer, especificamente em certa continuidade descontínua que a proposta daquele traz em relação a esse: contínua porque o ponto de partida da questão erigida leva em consideração os problemas postos em evidência por Cassirer<sup>4</sup>; descontínua em função de que caminha em sentido diverso à medida que, ao detectar as tensões na obra de Cassirer, tem o potencial de levar Merleau-Ponty em direção a uma “ontologie du sensible”, ao detectar as tensões na obra de Cassirer, tem o potencial de levar Merleau-Ponty em direção a uma “ontologia sensível” (Feron, 2021, p. 228). Acresce-se à diferença que, ao separar sentido e ser, Merleau-Ponty reintroduz no seio do simbólico o que o filósofo de Hamburgo visava evitar, ou seja, partir de uma *distinctio rationis* a fim de traçar uma filosofia da cultura (Feron, 2021, p. 231).

Se por um lado, há certa continuidade, ou ao menos a tomada por Merleau-Ponty como ponto de partida para a obra “O visível e o invisível”, sem necessariamente haver uma corroboração da proposta de Cassirer, tal como poderiam ser equivocadamente aproximados, a inserção do filósofo de Hamburgo sob a ótica de uma inconsistência por meio da qual se retorna a um intelectualismo, por vezes um “kantianismo” parece ocorrer na colocação do filósofo francês.<sup>5</sup>

Ora, apesar de a linguagem, por vezes, lastrear-se em um kantianismo e soar como um retorno ao intelectualismo, a teoria da expressão tal qual proposta por Cassirer realiza um impedimento do referido intelectualismo tal qual denominado por Merleau-Ponty, à medida que a filosofia das formas simbólicas não parece fazer recair o fenômeno expressivo à condição de resultado das atividades do espírito. No entanto, o movimento proposto por Cassirer não segue nem o referido caminho intelectualista nem uma proposta fenomenológica estritamente — tal qual Heidegger faz alusão ao segundo

volume de “A Filosofia das Formas Simbólicas”, acerca do mito.

A menção ao mito é justificável, a esta altura, porquanto se manifesta como o caminho por meio do qual Cassirer postula a pura expressão, no entanto, em nenhum dos dois casos, isto é, nem a expressão nem o mito são abordados à luz de uma criação do espírito ou explicáveis à luz da fenomenologia, conforme se veiculam os mitos através de uma explicação que só pode ser concebida à luz de um mundo mítico no qual a experiência é “algo objetivamente real”. Ou seja, essa objetividade é derivada do fato de que o sentido expressivo se trata de um fenômeno semiótico, de modo que não pode ser entendido simplesmente como fenômeno psicológico ou biológico.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos no presente trabalho estabelecer alguns pontos de contato entre Cassirer e Merleau-Ponty. Desse modo, afastou-se a simplória colocação de que aquele influenciou esse, o que diluiria, sobretudo, as respectivas diferenças e percursos argumentativos seguidos por cada qual em suas obras.

Não há que se considerar, entretanto, que a colocação que ambos os pensadores fazem em relação a Descartes seja inédita, mas questionam o problema em torno da dualidade e encontram no pensador moderno os paradoxos que atravessarão as discussões referentes à expressão. É diante desse cenário que se dá a caracterização que Merleau-Ponty aponta em Cassirer, no sentido de que esse recai em um intelectualismo e não consegue se afastar de tal postura, isto é, do longo esforço realizado pelo pensador francês com vistas a libertar da carne de todo tipo de idealismo e de realismo reducionista.

Em contrapartida, Merleau-Ponty parece recair no que Cassirer objetivou evitar em seu projeto, ou seja, impingir, como ponto de partida de uma filosofia da cultura, o ciclo vicioso relacionado a um sistema geral de valores para poder analisar as condições de possibilidade de ciências de campos distintos, logo, uma *distinctio rationis*, nos termos de Feron.

Tal qual é a colocação feita por Merleau-Ponty acerca da significação, e que certamente fornece meios de retornar à questão traçada por Cassirer anos antes: “Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 18). No limite, a convergência entre os autores se depara com o problema do sensível liberto de determinações estritamente

<sup>4</sup> Há a proposta de Orth (2003, p. 14), no sentido de Cassirer foi um Merleau-Ponty *avant la lettre*, conforme faz alusão ao que esse denominou, posteriormente, como “encarnação do sentido”. O homem, em relação a isso, não está simplesmente inserido nas formas simbólicas ou na cultura, mas tal compreensão de si só é possível à medida que o próprio homem é uma forma simbólica e representa o dito paradigma da forma simbólica, de modo a questionar a relação corpo-alma tradicional.

<sup>5</sup> Nesse sentido, Krois (1987, p. 91) pontua que há intrusão de noções míticas na “Crítica da Razão Pura”, sob a denominação de “conceitos usurpados” (B117), tais como “destino”, “sorte”, entre outros. No caso de Cassirer, a fim de se tratar explicitamente de um mito é preciso obter a função expressiva do simbolismo. No caso do mito, Cassirer não busca trazer uma gênese psicológica ou sociológica, mas de caráter estrutural em sua natureza, isto é, o modo como ocorre a operacionalização dos mitos nas mentes humanas sem que estes a percebam.

conceituais, razão pela qual se faz necessário o retorno ao dualismo cartesiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernst. **The philosophy of symbolic forms**. London: Routledge, 2021. v. 3.

CASSIRER, Ernst. **The Warburg years (1919-1933): essays on language, art, myth, and technology**. New Haven: Yale University Press, 2013.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Experiência do pensamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERON, Olivier. **Pregnância simbólica versus antepredicativo: o diálogo entre Merleau-Ponty e Cassirer**. *Sciendo*, [S. l.], v. 18-19, n. 1, p. 227-236, out. 2021. Disponível em: <https://reference-global.com/article/10.2478/phainomenon-2009-0013>. Acesso em: 13 jul. 2022.

KAUSHIK, Rajiv. **Merleau-Ponty between philosophy and symbolism: the matrixed ontology**. Albany: SUNY Press, 2019.

KROIS, John Michael. **Cassirer: symbolic forms and history**. New Haven: Yale University, 1987.

MATHERNE, Samantha. **The Kantian roots of Merleau-Ponty's account of pathology**. *British Journal for the History of Philosophy*, [S. l.], v. 22, n. 6, p. 1100-1126, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09608788.2013.876610>. Acesso em: 19 jan. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ORTH, Ernst Wolfgang. **Symbolische Formung zwischen Kulturologie und humanistischer Kulturanthropologie**. *SATS*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 5-23, 2003.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. v. 3-4.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Do estruturalismo ao culturalismo: a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer**. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 863-887, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/zZFvDTYT3967559KcgNvtvD/>. Acesso em: 7 jan. 2026.